

EMBRAFILME



Lourdes Calvo/CB/D.A Press

Arquivo pessoal/ Divulgação

O realizador, durante o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, quando da liberação do filme

Bodanzky revê a obra 50 anos depois da estreia

Cena de Iracema, uma transa amazônica: choque de realidade

Problemas e sonhos perpetuados

Ricardo Daehn

No mesmo Cine Brasília (EQS 106/107) em que, há 11 anos, o cineasta Jorge Bodanzky recebeu de uma colega uma cópia de filme realizado, quando ainda era universitário, haverá hoje, de graça, a projeção de duas produções do diretor. A partir das 19h, será exibido justo o curta recuperado Os caminhos de Valde rez, feito quando o realizador estava nos bancos da UnB. Na sequência, o Cine Brasília, na mostra Que país é este?, trará a exibição de clássico restaurado, Iracema — Uma transa

amazônica, feito por Bodanzky, ao lado de Orlando Senna (autor do roteiro). Censurado por anos no Brasil, o longa Iracema — Uma transa amazônica integrou o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro de 1980, quando foi tido como revolucionário e faturou os prêmios de Melhor filme, atriz (Edna de Cássia), atriz coadjuvante (Conceição Senna) e Montagem (função que Eva Grundman dividiu com Bodanzky). Ele ainda respondeu pela música e fotografia da fita.

“Ter mostrado o filme em Berlim (no festival, em fevereiro passado), 50 anos

depois de pronto, foi um sonho. O longa foi produzido pela televisão alemã e foi lá que tivemos a apresentação da cópia restaurada, numa estreia mundial do trabalho de restauração pela Alice Andrade, feito a partir dos negativos e magnéticos de som originais localizados na Alemanha. A digitalização foi feita por lá e a finalização aqui no Brasil. Então é um filme novo: a gente vê coisas que eu não enxerguei naquele tempo, em que fiz o filme, e ouvindo coisas que eu não tinha condições de ouvir, dada a qualidade que as cópias

tinham na época em que o filme foi feito”, conta, em entrevista ao **Correio**.

O ponto de partida do enredo, que registra um Brasil desfalcado de grandeza se dá na celebração do Círio de Nazaré (Belém), local em que o personagem Tião Brasil Grande (Paulo César Pereio, morto no ano passado), um caminhoneiro, se engraça por Iracema (Edna). Daí se cristaliza uma história de encanto e abandono. O longa foi realizado em 16 mm, em 1974, seis anos depois do retorno do cineasta ao Brasil, depois de estudos no Institut Fuer Filmgestaltung Ulm (Alemanha).

“Este resgate do Iracema é um momento muito feliz e, ao mesmo tempo, estou muito apreensivo: tudo aquilo que o filme coloca — absolutamente tudo — o trabalho escravo, a exploração de menores, a ocupação irregular de terra, queimadas, a exploração de madeira, a entrada das grandes empresas, questões do gado —, tudo isso continua do mesmo jeito! O projeto da ditadura militar; a preocupação atrelada à Amazônia, não mudou em nada, na sua essência até os dias de hoje”, completa o cineasta, que estará presente para debate, após a exibição.